

Literatura comparada, experiência de leitura compartilhada

Doutoranda Patrícia Trindade Nakagomeⁱ (USP)

Resumo:

Neste artigo, propomo-nos a refletir sobre o ensino de literatura por um viés comparatista, pois consideramos que ele oferece uma possibilidade exemplar de pensar o texto literário no complexo cenário da educação na contemporaneidade. Dessa maneira, seria mobilizado e compartilhado o repertório dos diferentes leitores que, de alguma forma, estão presentes em sala de aula: os estudantes, os professores, além dos críticos literários e autores de livro didático. Para isso, analisaremos algumas considerações críticas acerca do leitor e da leitura nos dias de hoje. Mostraremos que levar em conta a experiência efetiva de leitura dos sujeitos para se obter bons resultados no ensino de literatura (canônica) pode ser algo afastado de algumas premissas do discurso crítico vigente.

Palavras-chave: leitor, ensino de literatura, literatura comparada, contemporaneidade

1 Introdução

A literatura comparada, essa “disciplina indisciplinada” (NITRINI, 1997, p. 117), tem contornos pouco precisos ou rígidos. O próprio congresso da Abralic de 2013, em que foi apresentada a comunicação que deu origem a este artigo, é um exemplo da amplitude temática, metodológica e teórica que pode ser abarcada pela literatura comparada. É por essa razão que não nos propomos, dentro dos estreitos limites deste artigo, a realizar uma discussão aprofundada sobre o comparativismo, mas antes a apontar o quanto ele pode ser usado em favor da educação.

Carvalho, buscando um ponto comum que alinhe os diversos trabalhos que recorrem à literatura comparada, afirma: “Em síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim.” (1986, p.10) Nesse sentido, a comparação deve servir para melhor iluminar a leitura de uma obra, não sendo, portanto, uma atividade que se encerra em si mesma, como objetivo do trabalho de enfrentamento do texto literário. Além disso, como assinala Nitrini, a disciplina, constantemente colocada sob o alvo da crise, deve ser pensada em uma dinâmica que em muito extrapola os limites dos próprios textos que ela coloca em questão, afinal, “continuava e continua a ser definida por muitos como uma espécie mutante, na medida em que seu objeto vem variando de acordo com a nova ordem de relações internacionais e de relações entre comunidades internas de uma mesma nação.” (1997, p. 119)

Diante do breve panorama indicado, podemos notar que a literatura comparada tem os dois termos de sua denominação em questão: Que literatura tratar? Quais são os limites e o alcance do comparar? Com esses questionamentos em vista, que nos parecem pertinentes à própria essência da literatura comparada, buscamos indicar caminhos para novas possibilidades de inserção da literatura na sala de aula, sob um enfoque não apenas de metodologia do ensino, mas também de crítica literária.

Se fazemos essa diferenciação entre o que cabe à educação e o que cabe à crítica literária, não é por acreditarmos na necessidade de separá-las. É precisamente por considerarmos a importância de maior união entre as duas esferas que discutiremos o fato de haver um descompasso entre elas, o que pode comprometer o modo como os estudantes se aproximam da literatura.

Nos últimos anos, pode-se reconhecer um número crescente de pesquisas voltadas ao ensino de literatura, discutindo métodos, propondo atividades etc. No entanto, ainda é comum ouvir o quanto esses trabalhos não encontram muito espaço dentro dos cursos de Letras, por exemplo, com poucas

áreas de pós-graduação que contemplem pesquisas dessa natureza. Parece haver uma compreensão equivocada de que tais investigações não estariam diretamente relacionadas à área de Letras, dos Estudos Literários, mas apenas à da Educação. No entanto, como mostra Chiappini:

A mediação da escola é tão fundamental como a da crítica e da imprensa na definição dos padrões literários, na seleção dos autores dignos de figurarem entre os 'monumentos' nacionais e dos excluídos. Estudar essa mediação, escrevendo essa história, confirmaria que a reflexão sobre 'o que é literatura', questão básica da teoria literária, é inseparável da reflexão sobre os múltiplos aspectos da história cultural e social. (2005, p. 232)

Consideramos fundamental que a crítica literária volte sua atenção ao espaço escolar não apenas por ela ser uma poderosa instituição na legitimação e no estabelecimento do cânone, mas também por ela representar o espaço em que grande parte da população terá contato com a literatura, ou melhor: com a dita alta literatura sancionada por ela e pela própria crítica. Nesse sentido, acreditamos que a literatura comparada pode exercer um importante papel no espaço escolar não apenas possibilitando relações entre obras canônicas e consagradas, mas também entre estas e as variadas referências que compõem o repertório dos atores presentes em sala de aula: professores e estudantes.

Uma das características mais marcantes da literatura comparada, seu caráter mutável, pode ser entendido como elemento que determina sua crise ou, na via contrária, sua sobrevivência. Posicionamo-nos junto à segunda possibilidade. Assim, consideramos que o fato de essa disciplina estar sempre se adaptando às condições de seu tempo e espaço garante sua renovação. E nos tempos de hoje, a mudança se dá, segundo acreditamos e discutiremos a seguir, em torno da reivindicação de voz feita pelos diferentes grupos sociais, historicamente colocados em posição marginal. Se eles gradativamente encontram representatividade na escrita literária, acreditamos que isso possa também se dar na recepção das obras, no respeito pela experiência estética dos diferentes sujeitos dentro do espaço escolar, onde as obras apreciadas podem ser tomadas como referencial válido para um trabalho comparativo.

2 Leitores, leituras

Um lugar silencioso, um livro aberto nas mãos. Talvez fosse essa a imagem que passaria pela cabeça de muitas pessoas caso elas fossem colocadas diante do termo "leitor". No entanto, sabemos que o leitor hoje atua das formas mais diversas: ele não precisa segurar um livro físico, mas um *e-book reader*; ele não precisa de silêncio, podendo, por exemplo, ler ao mesmo tempo. Mas além das mudanças que a tecnologia impôs ao que se costumou entender como leitor, também devemos lembrar que a imagem do leitor que permeia o senso comum se opõe ao modo como ele é construído dentro da teoria literária.

Ao sintetizar o modo como o leitor foi concebido ao longo dos séculos na teoria literária, Compagnon aponta o quanto recentemente "o texto e o leitor se dissolvem em sistemas discursivos, que não refletem a realidade, mas são responsáveis pela realidade, tanto a dos textos quanto a dos leitores." (2006, p. 162-3). O crítico indica como a experiência de leitura se coloca em um ponto mediano, distante, portanto, das duas teses mais extremas que se voltam para o leitor dentro da teoria literária:

[...] entre as duas teses extremas que têm a seu favor uma certa consistência teórica, mas que são claramente exacerbadas e insustentáveis – a autoridade do autor e do texto permite instituir um discurso objetivo (positivista ou formal) sobre a literatura, e a autoridade do leitor, instituir um discurso subjetivo -, todas as posições medianas parecem frágeis e difíceis de serem defendidas. [...] Mas, na prática, vivemos (e lemos) no espaço existente entre os dois. A experiência de leitura, como toda experiência humana, é fatalmente uma experiência dual, ambígua, dividida [...]

(COMPAGNON, 2006, p. 164)

Nas duas áreas que são foco de nosso interesse neste artigo – Educação e Crítica Literária –, o modo de se conceber o leitor é bastante diferente. Professores, cotidianamente, se deparam com leitores reais, com suas experiências e dificuldades. Críticos literários, por sua vez, centrados no texto, costumam procurar ali marcas de leitores: as leituras dos autores; a construção do personagem leitor ou ainda, o que é mais recorrente e já consolidado ao longo da história da teoria literária, o modo como o leitor atua na construção do sentido do texto.

O que discutiremos neste artigo é uma espécie de zona nebulosa que existe em torno da concepção de leitor, em que se mesclam as características das duas áreas de estudo em questão, sem que isso signifique, no entanto, o enriquecimento de uma abordagem interdisciplinar. Trata-se daquilo que não é objeto de ninguém, por ser supostamente conhecido por todo mundo. Sem nos darmos conta, parece aceitável que o leitor seja abordado sob uma perspectiva do senso comum, o qual adquire o estatuto de hipótese crítica.

Assim, embora o leitor, como sujeito empírico, não seja objeto recorrente de pesquisas no âmbito da crítica e da teoria literária, mostraremos como ele é tema de alguns textos críticos. Nesse sentido, é com certa naturalidade que lemos afirmações como a de Harold Bloom: “Mais de 35 milhões de compradores de livros, e sua descendência, podem estar errados? sim, eles estiveram, e continuarão estando enquanto persistirem com Potter” (2000).

Como é sabido, o crítico se refere a uma série de livros muito vendida, com grande sucesso entre o público infanto-juvenil e o adulto. Apesar de ser muito difícil tecer qualquer comentário sobre um grande grupo de leitores, com faixas etárias e nacionalidades diversas, Bloom consegue fazer uma afirmação certa, considerando que os leitores da série *Harry Potter* não “avançarão a prazeres mais difíceis”, entendendo, portanto, que aqueles que se encantaram com as aventuras do bruxo inglês estarão para sempre “condenados” a esse universo, cuja única vantagem seria oferecer uma momentânea emancipação do domínio da imagem.

Em pesquisa em andamento, base de nossa tese de doutorado realizada sob orientação da Profa Dra. Andrea Saad Hossne, observamos, no entanto, que há grande dificuldade de fazer uma afirmação como a de Bloom. No ano de 2011, realizamos uma pesquisa junto a todos os ingressantes do curso de Letras da USP. Dentre diversas perguntas, questionávamos qual era o livro mais importante para os estudantes. O título *Harry Potter* foi o mais mencionado na pesquisa, inclusive por pessoas que, no mesmo questionário, indicavam estar lendo obras canônicas, antes mesmo de elas terem sido indicadas no curso de Letras.

Pelo limites deste texto, não será possível nos aprofundarmos nos dados obtidos na pesquisa. Por ora, acreditamos que eles sejam suficientes para fazer um contraponto às colocações de Bloom, revelando que o discurso crítico pode estar marcado por algumas aparentes certezas que não são confirmadas pela pesquisa empírica. A seguir, analisaremos, de forma mais detalhada, outro exemplo desse desencontro entre o teórico e o empírico (menos marcante que o de Bloom, cabe dizer). Para tanto, discutiremos o artigo “Os estudos literários na era dos extremos” de Alfredo Bosi (2002).

3 O “leitor-massa”

Alfredo Bosi, em “Os estudos literários na era dos extremos”, faz uma análise do recente cenário da produção e circulação de obras literárias. Seu estudo foi escrito por ocasião do 80º aniversário de Antonio Candido, a pedido do Centro Angel Rama. A recomendação era de que o homenageado não fosse tratado de forma direta, mas sim “os temas que sempre o preocuparam”. (2002, p. 248). Nesse sentido, o olhar para a produção literária contemporânea representava um excelente ponto de contato com a obra de Candido, não porque este esteja atento à produção mais recente, mas porque pautou boa parte de seu esforço crítico na necessidade de pensar obras e autores

que ainda não haviam se consolidado no cenário literário.¹

O título do artigo de Bosi faz referência à famosa obra de Hobsbawm *Era dos Extremos*. Trata-se de buscar, no âmbito das Letras (crítica e ficção), “um eixo de polaridade” no “universo aparentemente caótico” da cultura no final do último milênio, o que pode ser sintetizado pelo questionamento: “Haverá algum método nessa loucura?” (BOSI, 2002, p. 249). A questão revela a necessidade de ordenação diante de uma situação da qual ainda não se distanciou suficientemente. A essa dúvida, o crítico responde com sua hipótese: “Talvez. Talvez o eixo que tem como pólos o indivíduo-massa e o indivíduo-diferenciado.” Para realizar suas considerações, o crítico se pautará nas “antigas observações da Sociologia da Literatura e novas intuições da Estética da Recepção, ambas voltadas para entender a relação entre o escritor e o público” (BOSI, 2002, p. 249).

A seguir, pretendemos discutir como o cenário literário atual é avaliado, aos olhos do crítico, numa relação de identidade entre escritor e público:

O indivíduo-massa, a personalidade construída a partir da generalização da mercadoria, quando entra no universo da escrita (o que é um fenômeno deste século), o faz com vistas ao destinatário, que é o leitor-massa, faminto de uma literatura que seja *especular e espetacular*. Autor e leitor perseguem a representação do *show* da vida, incrementado e amplificado. Autor-massa e leitor-massa buscam a projeção direta do prazer e do terror, do paraíso do consumo ou do inferno do crime – uma literatura transparente, no limite, sem mediações, uma literatura de efeitos imediatos e especiais, que se equipara ao cinema documentário, ao jornal televisivo, à reportagem ao vivo. (BOSI, 2002, p. 249)

Nessa passagem, são trazidos os três elementos que Candido, em *Formação da Literatura Brasileira* (2007), aponta como fundamentais para a constituição de um sistema literário no país: autor, obra e público. Mas o modo como o sistema literário contemporâneo é tratado está envolto em generalizações, em que cada elemento do tripé é colocado sob a mesma condição de “massa”. Assim, embora autor, obra e público apareçam como elementos diferenciados, eles refletem uma unidade que se estrutura em torno da obra. Em outras palavras: a partir da descrição generalista das características literárias da produção contemporânea², reduzida ao *best-seller*³, tem-se a imagem de autor e leitor.

Embora a denominação “leitor-massa” seja marcada por profunda passividade, em que o ato de leitura se reduz a uma aceitação do cenário cultural contemporâneo, o crítico usa verbos ativos para indicar sua ação: autor e leitor “perseguem”, “buscam”. Parece-nos estar textualmente marcado o paradoxo que encerra a atitude crítica de Bosi diante do leitor de nosso tempo: a negação a diferenciá-lo para, a seguir, traçar considerações sobre suas intenções/objetivos com a leitura, como se a previsibilidade de seu comportamento massivo e passivo pudesse levar a conhecer suas motivações. Se o leitor não pode ser distinguido em meio à massa, já que a denominação traz uma unidade formada por sujeito e coletividade indistinta, como podemos saber o que ele “busca” nos textos?

Na crítica de Bosi, o olhar sobre o leitor está mediado por um duplo filtro: o leitor é tomado como reflexo das obras de “massa”, as quais, por sua vez, são tratadas sem maior atenção à materialidade ficcional. O autor, que escreveu alguns dos mais importantes ensaios da crítica brasileira, não demonstra, neste artigo, a mesma atenção detida ao objeto que caracteriza não apenas o

¹ Os textos sobre os novos autores nacionais reunidos em *Brigada Ligeira* (1992) são um bom exemplo da ação do crítico.

² Polarizando a produção literária contemporânea nas divisões hipermimética e hipermediada, o crítico desconsidera a variedade do que é escrito na contemporaneidade, inclusive com alta representatividade de personagens e autores com traços semelhantes aos que compõem o cânone (DALCASTAGNÊ, 2012)

³ “O que estava confinado ao *thriller* e à pornografia rompeu as barreiras do *best-seller* comercial e entrou nos hábitos estilísticos do contista e do romancista presumivelmente culto, ou, pelo menos, portador de um curso universitário” (BOSI, 2002, p. 250). Nessa citação, cabe ainda destacar o modo como o autor tenta delinear o nível de cultura do romancista, estabelecendo uma relação com a titulação universitária.

seu trabalho, mas também o daquele homenageado por seu texto. Ainda que faça várias referências a autores, nenhum deles é posterior à década de 1950. Desse modo, algumas considerações bastante duras à nossa produção contemporânea são baseadas em obras não mencionadas, o que dificulta nosso posicionamento em relação ao tema. Em compensação, todo o parâmetro do que se opõe ao objeto analisado (obras do cânone moderno brasileiro e internacional) está listado como exemplo da “tensão fecunda entre a criação e a tradição”, que se oporia ao imediatismo violento da cultural atual.

No tópico de conclusão do artigo, “Resistir é preciso”, cujo título nos remete a um famoso poema de Fernando Pessoa, temos indicada a tarefa da crítica: a resistência (necessária e precisa) em um contexto em que a manutenção da literatura não é precisa, já que seu viver passa, inclusive, por uma dúvida quanto à sua própria denominação. É literatura aquilo que se enquadra nos pólos hipermiméticos e hipermediados indicados por Bosi? Numa resposta negativa a essa questão, temos delineado o conceito de resistência para o autor: a permanência dos referenciais estéticos e ideológicos característicos da alta modernidade. Talvez mais do que sua concretização, de seu ideal e projeto. É, portanto, a partir de um referencial profundamente moderno que se constrói a avaliação crítica de Bosi e sua proposta de resistência.

No entanto, na contemporaneidade, em um cenário supostamente marcado pela desolação, urge a resistência da crítica nos moldes do que foi praticado pelo homenageado do artigo: “percepção de uma dialética forte e, ao mesmo tempo, delicada, de indivíduo e sociedade, escrita e cultura, imaginação e memória social, invenção e convenção” (BOSI, 2002, p. 254). Diante dessa premissa que não é apenas crítica, mas ética, cabe questionar: com foco no leitor, é aceitável que o movimento dialético de indivíduo e sociedade seja transformado em uma fusão direta de ambos?

A resistência, tema central da obra de Bosi, norteando, inclusive, a tônica do livro em que se encontra o artigo aqui analisado, *Literatura e Resistência*, é uma preocupação constantemente voltada para o contemporâneo, para os efeitos nefastos da indústria cultural⁴ e dos atuais desdobramentos críticos⁵. Mas parece-nos que diante de um cenário que não oferece as condições desejadas pelo crítico, a sua própria ação de resistência através do trabalho de enfrentamento dialético do texto literário se fragiliza. As contradições em torno do discurso de resistência, presente em um texto que exemplifica aquilo que é criticado, se torna mais perceptível quando lemos o artigo seguinte ao aqui debatido, “A escrita e os excluídos”. Nesse texto, que trata da relação entre exclusão e escrita por dois vieses: o marginalizado como “objeto da escrita” (2002, p. 257) e como “sujeito do processo simbólico” (2002, p. 259), Bosi faz uma crítica à abordagem sociológica da literatura:

A crítica sociológica, estimulada pelo assunto da exclusão e da marginalidade, deve, portanto, acautelar-se quando enfrenta escritos ficcionais. A mente ideologizante abstrai e reduz as diferenças na medida em que procede à força de esquemas e tipos. Mas as vozes narrativas, quando vivas e densas, reclamam a atenção para o que é complexo, logo singular. De resto, quem garante que o chamado homem simples seja tão simples assim? (BOSI, 2002, p. 259)

⁴ Vejamos que mesmo em um livro como *Dialética da Colonização* (1992), as últimas palavras do autor se voltam ao presente, à preocupação com os resultados do movimento dialético de nossa formação na contemporaneidade: “Enfim, à proporção que o nosso olhar se move no rumo da vida mental contemporânea, uma teia de signos tecnicamente nova marca sua presença imperiosa: são os *meios de comunicação e massa*. Dos meados do século XX em diante, passa a ser colonizada em escala planetária a alma de todas as classes sociais. [...]”

Que a dialética da civilização tenha gerado esparsos pensamentos, palavras e atos de uma cultura de resistência ainda não vencida pelas forças de desintegração – eis um tênue lume de esperança que bruxuleia no termo deste percurso.” (BOSI, 1992, p. 383)

⁵ “O conteudismo, que o formalismo estruturalista acreditava morto e enterrado para todo sempre, mostrou, na cultura contemporânea, que resistiu muito bem e está muito bem de saúde. Que o digam os estudos culturais que sobretudo nos Estados Unidos, mas também nas suas periferias, substituíram a interpretação literária e a crítica estética pela exposição nua e crua do assunto, valorizando-o, se politicamente correto, e condenando-o, se politicamente incorreto.” (BOSI, 2002, p. 251)

Algumas páginas após uma análise construída em torno de dois “extremos” literários, com o atributo “massa” utilizado sobre os elementos de nosso atual sistema, há a crítica do autor a leituras que reduzam as diferenças por força de “esquemas e tipos”. Por certo, a análise de Bosi sobre a literatura na contemporaneidade, ao contrário daquelas que ele concebe como de enfoque sociológico ou culturalista, atém-se aos aspectos estéticos da ficção. No entanto, também o faz de modo genérico, que inviabiliza ver a complexidade dos textos e, principalmente, dos sujeitos envolvidos no processo. Tanto é assim que, retomando a questão indicada na citação, poderíamos questionar: “De resto, quem garante que o chamado ‘indivíduo-massa’ seja tão simples assim”?

Num texto que se constitui na oposição entre indivíduo-diferenciado e indivíduo-massa, a tarefa de resistência parece ser uma ação direta do primeiro sobre o segundo. O crítico pode e deve agir no cenário contemporâneo, mas se sente distanciado daquilo que avalia, pois o leitor de nosso tempo é colocado no pólo oposto ao do crítico/escritor. Embora ambos sejam contemporâneos, a distância que separa o leitor avaliado e o crítico/escritor avaliador é ideológica.

Sem um olhar mais atento aos diversos leitores e leituras que dão forma ao nosso tempo, especialmente através da mediação da escola, dificilmente os leitores criticados serão, em algum momento, os leitores “desejados”, aqueles que, de alguma forma, correspondem a um ideal de formação bastante distante daquilo que massivamente encontramos nos dias de hoje.

Conclusão

Neste artigo, esperamos ter mostrado a importância de se observar o modo como o discurso crítico se constrói em relação ao leitor empírico, à sua experiência de leitura na contemporaneidade. Apontamos que o crítico, por vezes, mesmo sem a intenção de fazê-lo, pode realizar uma espécie de redução da experiência dos sujeitos leitores, avaliados segundo o referencial cultural do próprio crítico, constituído a partir de uma formação literária que em muito se distancia daquela vivida pela maioria. Nesse sentido, é com certa naturalidade que se difunde um senso comum negativo em relação ao leitor “comum”, em que hipóteses sobre o alcance de suas leituras ou de suas intenções com uma obra são facilmente difundidas.

No entanto, o que sabemos é que ainda pouco sabemos sobre os leitores de hoje e o processo de leitura.

Em um cenário marcado por desconhecimento, não é difícil que as considerações sobre uma obra sejam, com pouca mediação, passadas para os leitores. Além da problemática envolvida nesse processo, há ainda, com frequência, um agravante especialmente crítico no caso dos estudos literários, centrados no enfrentamento do texto: a pouca análise das obras lidas por esses leitores, especialmente quando se trata daquelas relacionadas à cultura de massa.

A base do trabalho com literatura comparada consiste numa leitura atenta das obras discutidas, compreendendo as diferenças que envolvem seus contextos de produção e circulação. A comparação que se estabelece apenas a partir do referencial de valor do crítico está fadada ao fracasso: perde-se a oportunidade de uma discussão mais profunda, corre-se o risco de afastar leitores dessas obras negligenciadas.

A tarefa fundamental da literatura comparada no âmbito da educação, segundo acreditamos, se dá pelo esforço verdadeiro de tratar obras contemporâneas, inclusive as de massa, junto a (não abaixo de) textos canônicos, representantes daquilo que consideramos legado de nossa tradição. Apenas dessa maneira a sala de aula poderá ser um espaço de compartilhamento real de leituras, em que os diversos atores, especialmente alunos e professores, tenham voz sobre aquilo que, de fato, leram, não apenas sobre aquilo que deveria ser lido, do modo como deveria ser lido.

Resistir é preciso. Resta pensarmos em que termos (comparativos) construímos essa resistência.

Referências Bibliográficas

- 1] BLOOM, Harold. “35 milhões de compradores de livros podem estar errados? Sim.” In. *Wall Street Journal*, 2/11/2000.
- 2] BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- 3] _____. “Os estudos literários na Era dos Extremos”. In: *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- 4] CANDIDO, Antonio. *Brigada ligeira e outros ensaios*. São Paulo: Unesp, 1992.
- 5] _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.
- 6] CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986.
- 7] CHIAPPINI, Ligia. *Reinvenção da Catedral*. São Paulo: Cortez, 2005.
- 8] COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- 9] DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012.
- 10] NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*. São Paulo: EDUSP, 1997.

i Doutoranda Patrícia Trindade NAKAGOME. Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. patricia.nakagome@gmail.com